

Os entremeios de Juazeiro do Norte e a violência ritual no uso da máscara do cão

**Rio de Janeiro,
Janeiro de 2017**

Os entremeios de Juazeiro do Norte e a face por baixo da máscara do cão

Autor: Felipe T. B. Caixeta¹

Resumo: A cidade de Juazeiro do Norte (Ce), o “porto seguro dos naufragos da vida”, conforme bem definiu o Padre Cícero Romão Baptista (1834-1934), o morador mais ilustre do local, constituiu-se como um território de culturas de resistência, autônomas, rebeldes, perseguidas, combatidas e silenciadas no violento processo de formação do Estado Brasileiro, globalização da economia e mundialização da cultura. As memórias e culturas clandestinas vem sendo continuadas de modo irredutível nos ritos do Ciclo de Reis, em 25 de dezembro, 01 e 06 de janeiro, designados *Dia de Quilombo* pelos praticantes populares.

Palavras chaves: Patrimônio Cultural, Reisado, Quilombo, Identidade, Democracia

Uma vez que não tenha trabalho com as artes plásticas, o teatro e a temática da máscara, a presença deste artigo no âmbito das reflexões a serem iluminadas pelo I Festival de Máscaras do Cariri, isto é, qual a pertinência de um lugar de fala em uma publicação do FINC, para uma narrativa que não contempla o estudo, a prática, o olhar técnico e estético acerca da temática central da atividade?

A justificativa para apresentação deste trabalho no FINC sustentou-se no fato da pesquisa ter sido realizado no território Cariri Cearense, com o objetivo de analisar os conflitos identitários que atravessam a tradicional festa de Reis (06 de janeiro) em Juazeiro do Norte, celebração chamada de “Quilombo” pelos grupos praticantes. Assim, na medida em que o leitor quiser pensar um festival internacional também como um espaço para escutar os moradores locais, de formulação e de ação política no território, procurando condições de vida mais desejáveis para a comunidade anfitriã continuar seus modos de vida, algumas assertivas expostas poderão ser aproveitadas.

Numa perspectiva distante no tempo, o povoamento da Região Cariri Cearense onde estão Crato e Juazeiro do Norte, por grupos não indígenas, remonta fins do século XVII, ou seja, é coetâneo à guerra total movida pela Metrópole para destruição da rede de mocambos que compunham o Quilombo de Palmares.

A análise da documentação histórica sobre a mais longa guerra ocorrida no Brasil (1590-1698) evidencia que as expedições de bandeirantes paulistas, mamelucos, terços de

¹ Jornalista e cineasta, mestre em Cultura e Territorialidades (PPCULT/UFF). Email: f.caixeta@gmail.com.

negros e indígenas que desbarataram Palmares foram os mesmos exércitos de aniquilação que arrasaram Confederações e Santidades Tapuias e Cariris. Entretanto, diferente do que a imaginação social costuma formular, Palmares não acabou pelas mãos do carniceiro Domingos Jorge Velho, a resistência quilombola perdurou nas matas alagoanas, os mocambos foram sendo reorganizados e receberam escravos fugidos, indígenas, mouros e europeus desertores, que estabeleceram comunidades longevas, que perduram até os dias atuais. Enquanto durou a escravidão legal no país, notícias sobre fuga de escravos para quilombos, ataques e escravos libertados em fazendas ecoavam em todas as regiões brasileiras.

Para impedir que uma nova Palmares viesse a se constituir, os senhores recrudesceram o regime de terror imposto aos trabalhadores de pele negra. O chicote envergado pelo facinoroso verdugo açoitava todas as partes do corpo do trabalhador acorrentado, para que os outros trabalhadores assistissem o destino de quem desafiasse a ordem colonial. O som dos chicotes funcionava como um dispositivo da produção coletiva do medo, ao ouvir o estalar da tira nas costas do apenado, mesmo à distância, os cativos podiam sentir o sofrimento dos castigos desumanos e por isso muitos desistiam da liberdade.

Juazeiro do Norte baluarte das culturas populares clandestinas

Antes da chegada dos europeus e dos africanos, o território pertencia a diversas comunidades indígenas generalizadas pelo colonizador com a designação de Cariri. Joaryvar Macedo informa que entre 1748 e 1764 existiam 144 sítios ou fazendas que são os núcleos culturais e socioeconômicos originários da região. Em algumas dessas antigas fazendas, explica o memorialista Otávio Aires de Menezes, alguns senhores permitiam ao escravo rememorar suas culturas e ritos durante o ciclo natalino, o que poderia ter colaborado para a transmissão de memórias clandestinas das comunidades remanescentes da guerra de Palmares, por meio da elaboração da tradição da festa popular do Quilombo no Dia de Reis (06 de janeiro).

O Cariri Cearense antes do Padre Cícero Romão Batista experimentava a época do couro, do boi e da rapadura; depois do Padre Cícero e a ocorrência do miraculoso sangramento da Hóstia na comunhão da Beata Maria de Araújo (1889), Juazeiro do Norte consolidou-se maior cidade da região, um baluarte de culturas de resistência, clandestinas e

não hegemônicas, continuadas por mestres, moradores e romeiros, de modo irredutível no Dia de Reis, 06 de janeiro, que se transformou no dia de todas as culturas saírem às ruas.

A prática humanista do Padre Cícero, associados às condições ambientais propícias para a agricultura e a pecuária, as feiras e o comércio coruscante motivaram o deslocamento de milhares de refugiados pobres para resistirem culturalmente ao lado do padrinho, amado pelo povo, perseguido pela Igreja, em grande parte refugiados de Alagoas, Sergipe e Pernambuco onde localizavam-se as comunidades de remanescentes de Palmares. Os adventícios trocaram com os mestres locais na música cabaçal, cordel, artesanato, no reisado e lapidaram a tradição dos Quilombos do Ciclo de Reis.

A tradição do Quilombo no dia de Reis

Juazeiro do Norte ainda é possível presenciar grupos de reisado, guerreiro, bandas cabaçais e lapinhas em 25 de dezembro, 01 e 06 de janeiro, nos ritos que conformam a celebração chamada de “Quilombo” pelos mais populares. Oswald Barroso ensina que ocorrem cinco tipos de reisado no Ceará: Congo, Caretas ou de Couro, Baile, Caboclos e os Bois; em Juazeiro predomina o Reisado de Congo, que se diferencia dos demais pelo uso da espada pelos praticantes.

O Reisado de Congo que tira o Quilombo tem a sua espinha dorsal composta por um mestre, dois palhaços Mateus com o rosto melado de carvão e cafuringa na cabeça, uma Catirina (homem vestido de mulher), o rei, a rainha e o contra mestre. Seguem ladeados por dois cordões, em cada fileira, embaixador, guia, contra-guia, coice, contra-coice e o bandeirinha. O guerreiro é uma variação do reisado desenvolvida por mulheres, lideradas pela grande mestra alagoana Maria Margarida da Conceição. A música cabaçal com zabumba, caixa, tarol e pífano remete às culturas indígenas Cariris originárias. As lapinhas são grupos infantis que dramatizam o nascimento de Cristo, como um presépio vivo.

O reisado sempre esteve unido organicamente à vida comunitária, com a sua continuidade garantida pelo esforço do mestre, dos praticantes e dos moradores que apreciavam a tradição. Durante o ano, os grupos de reisado e banda cabaçal prestigiam as rezas da “Renovação” nas residências, quando tiram o Divino e depois fazem a brincadeira no terreiro, com a representação de personagens que os brincantes chamam de entremeios, como o Boi, a Burrinha, Velho Anastácio, Jaraguá, Babau, Guriabá, São Miguel, a Alma e o Cão, Sapo e o

Cangaceiro, entre mais de 60 catalogados por Oswald Barroso, todos mascarados.

Durante o Ciclo de Reis, reisados, guerreiros e bandas cabaçais visitam residências, igrejas e locais sagrados, quando realizam o rito de tirar o Divino nos pés do santo de devoção da casa. Nos cortejos, se dois ou mais reisados se encontram, uma complexa dramaturgia ritual acontece, até que no auge da cena, um jogo (combate) de espadas é desencadeado com o objetivo da tomada da rainha do grupo rival. O encontro de reisados é a apoteose do Quilombo. O jogo de espadas acontece por meio da “marcação do ponto”: com movimento sutil da ponta da espada e das mãos, o brincante preserva o adversário, pois informa em qual parte do corpo e o modo como vai atacar, para que o outro possa aparar o golpe lâmina com lâmina, responder com o contra-ataque e assim os dois prosseguirem a dança guerreira, marcada no compasso do tilintar da batida do metal.

No dia de Quilombo, se antes uma miríade de caretas mascarados percorria a cidade divertindo os moradores, em meio a congos, quilombos e cabaçais, no século XXI, entretanto, muitas famílias passaram a trancar as portas quando escutam barulho de zabumba e do reisado se aproximando.

Produtos dos agenciamentos das dinâmicas de violência, racismo e exclusão a que crianças e jovens pobres estão expostos nas periferias onde residem, como os bairros João Cabral, Frei Damião, Mutirão ou Cidade Perdida, como um grito de contra-violência, caretas contemporâneos chamam a si mesmos de “cão” (diabo), brincam anônimos com máscara assustadora e fardamento preto, portam um longo chicote feito de câmara de pneu que manejam no ar e golpeiam no chão produzindo estampido de tiro. O som do chicote invade o Quilombo e traz medo a muitos moradores, que associam o cão às classes perigosas, a ladrões, delinquentes e assassinos. Os entremeios que brincam o “cão” no Quilombo chegam às dezenas quando os cortejos de reisado ou guerreiro estão para sair, quando toca a zabumba, o bando de cão sai correndo na frente estourando o chicote, enganando a voz, gritando, fazendo zoada, às vezes acertando alguém, pedindo dinheiro e desculpas, provocando susto, medo, piada e risos.

A violência na identidade do reisado

A partir dos anos 1990, os grupos de reisado, guerreiro e banda cabaçal passaram a ser contratados pela prefeitura, com o tempo, a política do cachê de baixíssima remuneração,

provocou mais conflitos e injustiças do que benefícios. Devido a intrigas e bravatas entre mestres de reisado, que inseriram o cão nas suas hostes para com o poder de intimidação dos mascarados, tentarem se afirmar um sobre os outros, alimentando rivalidades territoriais e identitárias entre as comitivas, por causa da competitividade provocada pela disputa pelos parques recursos das prefeituras e empresas, em razão do consumo de bebida alcóolica e de comestíveis pelos “cão” sem pagamento aos bodegueiros, brigas de “cão”, relatos de pequenos furtos a pedestres, em casas e ao comércio, após um primeiro crime de morte com arma de fogo motivado por vingança pessoal em 06 de janeiro de 2000, tumultos, agressões e pelo menos quatro mortes ocorreram durante o Quilombo de 2004 a 2014, provocando medo e preconceito, impedindo o rito apoteótico do encontro de reisados de transcorrer plenamente.

Ao lado do problema de segurança, violência e falta de apoio do poder público para os reisados, os mestres relatam as mudanças impostas pelo crescimento urbano descontrolado e febril, os carros ocuparam as ruas do brincante-pedestre e motoristas trafegam em alta velocidade, ignorando a segurança dos cortejos; sucede também o despreparo da polícia, que não está presente para prevenir os conflitos, mas quando surge, chuta direitos, arromba, revista, criminaliza, agride, apreende e mata.

Embora aconteça a difusão de uma ideia generalizada que o encontro de reisados e Quilombos são locais de violência e risco de vida, as mortes violentas que atingem os praticantes de reisado e acompanhantes do Quilombo, em sua maioria negros e pardos pobres, ocorrem fora do ambiente de Reis. A ausência de uma política para os Quilombos e os reisados faz parte da engrenagem fatal do racismo;

O reisado é a revelação ampliada da estatística trazida pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2015), de que no Ceará, os jovens negros e pardos pobres povoam as penitenciárias e têm quatro vezes mais chances de serem assassinados do que jovens brancos, um modelo brutal que está imolando a juventude pobre do país. O estudo Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial 2014, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostrou que a proporção de vulnerabilidade de jovens negros em relação aos brancos no Estado fica atrás apenas de Alagoas (onde o risco é 8,75 vezes maior), Pernambuco (11,57 vezes maior) e Paraíba (13,4 vezes maior). A memória traumatizante das perdas está presente no cotidiano das comunidades brincantes, cuja identidade é percebida e narrada pelos de fora como o terreiro, o lugar da terreirada e alegria.

Enquanto a Organização Mundial de Saúde considera tolerável a média de um homicídio

a cada 100 mil habitantes por ano, Juazeiro do Norte, com 300 mil habitantes, registrou 157 homicídios em 2014, número oficial subdimensionado pois não incluiu autos de resistência e desaparecidos. A média anual de homicídios vem alta no Cariri e há reisados que foram dizimados, com 10 componentes mortos em circunstâncias alheias à brincadeira de Reis.

O abandono dos mestres até a morte é uma outra faceta violenta, a negligência toca as raias da perversidade, porque tudo acontece com amplo e notório conhecimento do poder público; Sebastião Cosmo, Zequinha, Pedro de Almeida, Zé Oliveira, Antônio Aniceto, entre outros, quando finalmente morreram, receberam coroas de flores e enterros como personalidades públicas.

Conclusões preliminares

Em vista dos problemas que afetam o Quilombo e os praticantes, é evidente que o foco central do sofrimento que não está no brincante mascarado de cão. A memória coletiva é de perseguição, escravidão, matança e hoje o poder constituído continua a matar, abandonar e desprezar a juventude; não é o cão ou o reisado violento, são as várias formas de violência da sociedade que afetam o reisado e o Quilombo. Entre as várias formas de violência, a imposição de condições precárias de vida, alimentação, moradia, saneamento, educação, cultura e lazer nos bairros onde residem as comunidades brincantes, a ausência de canais de participação nas políticas públicas e a iniquidade na distribuição dos recursos públicos.

Ao tempo em que acontece uma transformação do Quilombo pela introdução e proliferação do cão, observamos como os praticantes dialogam e se beneficiam do novo entremeio, contudo, marcam o que não pode ser mudado, por exemplo, o encontro de reisados; para concluir, na busca por encontrar uma identidade narrativa do Quilombo, nos deparamos com a constatação de que a narrativa pode ser narrada de forma diferente pelo mesmo narrador, de acordo com o contexto e o interlocutor; para o representante do poder público o reisado é identidade cultural a ser ressaltada, quando os praticantes exigem direitos culturais, torna-se o lugar de violência e crime; assim, uma escuta crítica, procurando o não dito como elemento constitutivo da narrativa, pode ser imprescindível na busca pela identidade narrativa de alguém, do território, de uma coletividade, cultura ou tradição.

Bibliografia:

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Juazeiro do Padre Cícero: A Terra da Mãe de Deus. 2.a Ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008. 378 p.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Juazeiro: Emancipação política de Juazeiro do Norte. 1.a Ed. Fortaleza: Editora SENAC-Ce, 2012. 518 p.

BARROSO, Oswald. Teatro como encantamento: Bois e Reisados de caretas. 1.a Ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013. 433 p.

BRANDÃO, Théo. O Reisado Alagoano. São Paulo: Ed. Departamento de Cultura, 1953.

DINIZ, Manuel. 1935 - Mystérios de Joaseiro: história completa do Padre Cícero Romão Baptista do Joaseiro do Ceará. 1.a Ed. Juazeiro do Norte: Tipografia O Juazeiro, 1935. 196 p.

FILHO, J. de Figueiredo. O Folclore no Cariri. 1.a Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. 112 p.

FREITAS, Décio. Palmares a Guerra dos Escravos. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1976. 210 p.

MACEDO, Joaryvar. Temas históricos regionais. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986. 216 p.

MENESES, Otávio Aires de. Dia de Reis no Juazeiro de Outrora. 1. Ed. Fortaleza: Ed. Mostra Cariri, 2008. 90 p.

PINHEIRO, Irineu. O Cariri, seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009. 288 p.

REIS, José; GOMES, F. S (org). Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1986.

RIBEIRO, Vicente. Juazeiro em corpo e alma. Juazeiro do Norte: Gráfica Royal Ltda., 1992. 180 p.